

ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS NA MODERNIDADE LÍQUIDA: DIALOGIA E IN- TERDISCIPLINARIDADE

HIGH SCHOOL AND MEDIA EDUCATION IN LI- QUID MODERNITY: DIALOGY AND INTERDISCI- PLINARITY

Alessandra Maria Martins Gaidargi¹

Resumo: O presente artigo, de caráter teórico-conceitual, aborda a relação entre educação para as mídias e a modernidade líquida, apontando a dialogicidade e a interdisciplinaridade como caminhos possíveis para o estabelecimento de um processo de ensino-aprendizagem acerca da temática com jovens estudantes do Ensino Médio. Este estudo apresenta referencial teórico estruturado sobre os conceitos de diálogo e dialogicidade de Pau-

lo Freire e das condições de liquidez e fluidez das sociedades modernas de Zygmunt Bauman, contextualizadas a partir do momento atual da sociedade, especificamente no âmbito da escola de nível médio direcionada à educação dos jovens. Nas considerações apontamos a viabilidade da dialogia e da interdisciplinaridade freiriana enquanto caminho para uma educação para as mídias integrada à realidade e receptiva às mudanças e atualiza-

¹ Mestre, Doutora e Pós-Doutora em Educação, Universidade Nove de Julho

ções contínuas do conhecimento demandadas pela modernidade líquida, oferecendo uma proposta de educação emancipatória e libertadora a partir da integração entre escola e todos os tipos de mídias disponíveis.

Palavras-chave: Dialogia; Jovens; Freire; Bauman.

Abstract: This theoretical-conceptual article addresses the relationship between education for the media and liquid modernity, pointing out dialogicity and interdisciplinarity as possible paths for the establishment of a teaching-learning process with young students of High School. This study presents a structured theoretical framework on the concepts of dialogue and dialogicity by Paulo Freire and the conditions of liquidity and fluidity of modern societies by Zygmunt

Bauman, contextualized on the current moment of society, specifically in the context of secondary school aimed at education of young people. In the considerations, we point out the viability of Freire's dialog and interdisciplinarity as a path towards an education for the media integrated to reality and receptive to the changes and continuous updates of knowledge demanded by liquid modernity, offering an emancipatory and liberating education proposal based on the integration between school and all types of media available.

Keywords: Dialogy; Young; Freire; Bauman

INTRODUÇÃO

A escola passa por desafios para se aproximar dos alunos, que cada vez mais se individuali-

zam e buscam conhecimento por conta própria, através dos meios midiáticos e tecnológicos disponíveis. No Brasil, a relação entre escola e comunicação tem sido objeto de muitos estudos e propostas interdisciplinares.

A educação é terreno dialógico, é espaço de encontro de homens e mulheres para, em comunhão, construir o mundo (Freire, 2011b). Sendo local de diálogo é, portanto, espaço que pertence a todos e reflete a sociedade que o entorna. A atividade escolar não é uma parte da vida dos seres humanos, é a própria vida acontecendo dialogicamente, num ambiente onde tudo aquilo que pertence à vida deve estar presente para tornar-se objeto do diálogo – o que inclui as mídias.

Se a escola se propõe a promover educação de mulheres e homens, que se educam em relação e mediatizados pelo mun-

do (Freire, 2011b), a instituição escolar se apresenta local extremamente apropriado para que aconteça o aprendizado sobre as mídias. E, neste mesmo sentido, o aprendizado sobre a tecnologia que permite a comunicação integrada e virtual, diretamente ligada às novas mídias e à acessibilidade que hoje se apresenta. Sabe-se que a informação é, hoje, oferecida em larga escala, porém demanda a avaliação e o senso crítico em sua tradução como conhecimento. Com uma necessidade crescente de checagem permanente de fontes, visto o crescimento acentuado de fake news, cabe à escola o papel de mediadora da relação entre crianças e jovens e mídia. A postura crítica à tecnologia adotada pelas escolas por muitas décadas é hoje ressignificada em relação à identificação do jovem com as tecnologias e, considerando esta

uma parte importante do processo de sua construção de conhecimento, auxiliar na busca pela informação por diversos meios, educando para a utilização das tecnologias e mídias da maneira mais produtiva.

A educação, em si, não transforma a realidade, quem o faz são os sujeitos dialógicos ao educarem-se, mas a educação participa da constituição social (Freire, 2011a). Educação não é locus de reprodução do status quo mas sua função social e humanística requerem que o mundo adentre suas portas exatamente como é para que possa ser transformado.

As mídias na sociedade caracterizam-se, neste momento, como um fluxo contínuo, dentro do paradigma da modernidade líquida (Bauman, 2001; 2010). Neste contexto de relações flutuantes, a própria relação entre

educação e comunicação é revisitada a fim de que se encontrem condições de uma educação para as mídias não limitante. A escola que alunos e alunas buscam como caminho para seu desenvolvimento é aquela com que se identificam, por sua vez também com a característica da flexibilidade trazida pela modernidade líquida. Bauman (2010) aponta, em sua obra *Capitalismo Parasitário*, a característica básica de nossa realidade atual:

No mundo líquido moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso a longo prazo (e mais ainda por prazo indeterminado) denuncia um futuro prenhe de obrigações que limi-

tam a liberdade de movimento e a capacidade de perceber novas oportunidades (ainda desconhecidas) assim que (inevitavelmente) elas se apresentarem. (BAUMAN, 2010, p.41)

Desta forma, uma das necessidades da escola passa a ser tornar-se identificável com este aluno que não quer alianças com situações passadas, que se vê acuado pela proposta de um ensino estagnado, onde sua atuação no processo educativo se resume a ouvir e comprovar que aprendeu. Este é um movimento que já vem ganhando força há algum tempo, visto que o conceito de educação bancária (Freire, 2011b), que chega pronta para ser consumida e não construída entre pares, já vem sendo negado quando se leva em conta a poten-

cialidade dialógica do educar. A questão é que, no cenário atual, “a perspectiva de se ver restrito a uma única coisa a vida inteira é repulsiva e apavorante” (Bauman, 2010, p.41) dentro da perspectiva da modernidade líquida, e a educação tem de estar sempre em construção para suprir as expectativas destes alunos e alunas que vivenciam a liquidez em todas as esferas do viver.

Visando integrar o aprender e o viver a realidade surgem projetos de educação para as mídias apoiados em interdisciplinaridade. Reconhecido em alguns movimentos também como educomunicação, o conceito de educação onde o aluno é orientado a produzir e compreender os diversos veículos de comunicação, criando uma ponte com o mundo e podendo, a seu tempo, explorar a informação que recebe de maneira adequada,

apresenta-se como um caminho para a construção de uma relação saudável e crítica entre homens e mulheres e as mídias que os conectam ao mundo que constroem e transformam.

EDUCAÇÃO E OS JOVENS MODERNOS

O Ensino Médio é um período de descobertas e de apropriação do mundo para os jovens. A escola de nível médio integra-se com a realidade em todos os seus aspectos a fim de se tornar ambiente de possibilidades dialógicas para adolescentes em seu momento de transição para a vida adulta. A autonomia buscada na educação por meio do diálogo (Freire, 2011a) se desenvolve no cotidiano escolar de jovens que exercitam o estar sendo no mundo a partir de suas particularidades, dentre elas as mídias exatamente como se apresentam

na existência fora dos muros escolares.

Pensar em educação como algo estático, na perspectiva da modernidade líquida, pode tornar-se um pesadelo para os jovens e, também, para os educadores, se almejam a dialogia em sua prática. Este é um panorama muito diferente do que buscamos num contexto de educação dialógica, onde o aluno tem a escola como sonho, e como força de impulso para alcançar outros sonhos. De acordo com Bauman (2010, p.42), “a ideia de que a educação pode consistir em um produto feito para ser apropriado e conservado é desconcertante”, em outras palavras, para o jovem do século XXI uma escola que não se constrói juntos e uma educação que não se revisita o tempo todo são mais que limitantes ou ineficazes, constituem um modelo perturbador. Cabem

então, aos educadores, propostas que permitam a interação das relações propriamente escolares e a liquidez de relações às quais seus alunos estão expostos sem que, nesta intersecção, tornem-se líquidos também os ideais educativos.

Encontrar caminhos para esta conexão entre a escola e os estudantes é tarefa duplamente árdua aos professores e às professoras que ousam questionar e revolucionar a educação moderna. Além da questão da superação de dogmas e paradigmas que estão consigo desde sua formação, a fim de romper com o tradicionalismo e abrir portas para novas formas de ensinar, exige-se deles que desempenhem papel de interlocutores de um mundo que muitas vezes não dominam por completo, que muda a todo o tempo.

As gerações Z, de crianças nascidas entre 1995 e 2010,

e Alfa, de crianças nascidas a partir de 2010 (McCrinkle, 2009; 2015), compreendem a tecnologia e a maneira bastante integrada com o mundo e com a própria existência, diferente dos seus educadores e educadoras, por sua vez representantes em sua grande maioria de gerações anteriores, que aprenderam a lidar com a tecnologia como algo externo. É um choque cultural efetivamente, visto que qualquer reatividade que parta dos que se propõe a ensinar é recebida como uma ruptura com a própria realidade por aqueles que estão no papel de aprendizes.

Evidentemente, num contexto dialógico, todos os envolvidos no processo educativo são, ao mesmo tempo, aprendizes e ensinantes, posto que todos trazem consigo seus saberes e leitura de mundo (Freire, 2011a). Entretanto a organização escolar

pressupõe a autoridade do professor e da professora, que afastada do autoritarismo permite a ordem e o respeito que permitem o diálogo (Freire, 2011b). É neste ponto, quando professores e professoras se dedicam ao ofício de organizar e possibilitar o terreno do diálogo, que as diferenças estruturais entre as gerações no que tange a tecnologia e a relação com as novas mídias pode tornar-se uma situação delicada, especialmente quando se trata do ambiente virtual – quintal das novas gerações e ambiente inóspito para os nascidos antes de 1995. Este choque de culturas digitais tem se estabelecido de maneira mais aberta no Ensino Médio.

Esta questão particular deve ser considerada para evitar a banalização do novo contexto do educador numa educação que faça sentido ao jovem. Se “em todas as épocas o conhecimento foi

avaliado com base em sua capacidade de representar fielmente o mundo” (Bauman, 2010, p.43), como deve agir o professor que se vê diante de um mundo em constante movimento, “que muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente” (id., ibid.)? Entender a relação dos jovens com as mídias e com o mundo virtual como um todo é imprescindível para uma educação dialógica.

APROXIMANDO A EDUCAÇÃO DA REALIDADE

Neste contexto de novos modelos de mídias coexistindo com as antigas propostas, e de convivência entre gerações de diferentes compreensões de mundo, notadamente o digital e virtual (McCrindle, 2015), dentro das salas de aula, surgem os projetos de educação para as mídias

não só como um estudo sobre o que são as interações midiáticas e como se constroem, mas como uma proposta de educar na intersecção entre os saberes já estabelecidos e os novos, que surgem diariamente. Por meio de práticas que envolvem as tecnologias que fazem parte da vida dos jovens em suas relações diárias e das quais eles se apropriam sem precisar de ajuda, estas propostas viabilizam a construção de senso crítico sobre a informação recebida, por vezes massificada, canalizando o conhecimento apreendido por meio delas.

O uso de novos recursos para a educação, principalmente aqueles que foram integrados à vida dos alunos por eles mesmos em sua descoberta de mundo, parece uma alternativa viável para aproximar a escola do estudante que está a frente de seu próprio tempo, tendo por vezes dificulda-

de, inclusive, de se encaixar nele.

O diálogo constrói a ponte entre os jovens, e entre estes e seu próprio tempo, portanto a dialogicidade nos processos de aprendizagem é a aprendizagem em verdade, visto que é movimento pelo qual homens e mulheres tornam-se sujeitos de sua própria história (Freire, 2011b).

A busca da escola deve ser no sentido de compreender os novos desafios que se abrem diante do jovem e proporcionar meios para construir autonomamente caminhos para superá-los, para se sentir pertencente à sua sociedade, ainda que ela seja rápida e muitas vezes fugaz. Como traz Bauman “num mundo como este, o conhecimento é destinado a perseguir eternamente objetos sempre fugidios que, como se não bastasse, começam a se dissolver no momento em que são apreendidos” (2010, p.45), e esta

velocidade desenfreada do novo é um fator de desmotivação para o aluno se ele não identificar que se educa no mundo, dialogicamente, em comunhão com o outro, na mesma velocidade. O aluno e a aluna do Ensino Médio precisam se sentir apoiados e incentivados pelos educadores para não desistir de aprender a aprender, ainda que não se tenha mais como outrora o aprendizado como um tesouro sólido e imutável. Entender a educação como um processo dialógico (Freire, 2011a) e líquido (Bauman, 2010) é dar ao processo educativo a flexibilidade de construir-se de maneira própria e personalizada cada vez que se estabelece entre os indivíduos, é aceitar a educação como um lugar de eternos aprendizes em busca da compreensão de quem são e quais os propósitos de sua existência.

A necessidade de se

reinventar imposta aos jovens pela modernidade líquida, uma vez consideradas as premissas de Bauman (2001; 2010) de que qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento e nada pode ser feito de uma vez por todas neste momento histórico, ultrapassa os sujeitos e acaba se tornando também necessária à instituição escola, que se não adere à transformação gradual e multifacetada se distancia irremediavelmente do seu aluno. Se nada é agora que não possa ser alterado, a educação é fluída. Se a educação se dá de maneira diferente para cada um visto que a diferença entre homens e mulheres é característica intrínseca da própria humanidade, ela é fluída. Esta parece ser a grande inovação necessária a escola, dar-se conta de que não é necessária uma mudança para um novo estado, e sim um estado de mudança em curso.

Uma escola onde todos tem voz traduz a realidade de seus estudantes. Não há como considerar a vida intramuros escolares diferente daquela que se dá extramuros escolares. A educação que não considera a sociedade tal qual se dá é alienante, e a alienação destrói as perspectivas do diálogo (Freire, 2011b), por consequência da conscientização.

Neste caminho, a proposição de uma educação onde jovens sejam apresentados a meios de compreender e utilizar os recursos de mídia sem se tornar, neste processo, manipulados por elas, ganha destaque. E nesse contexto educar para as mídias passa a ser englobado no currículo de diversas escolas, tornando-se, inclusive, alvo de políticas públicas em alguns municípios, como São Paulo.

Todavia, não se pode

apartar, num processo de educação e comunicação composto, o instrumento da realidade que ele leva ao jovem, da verdade que ele traz – e que é o cerne do interesse do aluno pelo instrumento. Engana-se aquele que vê alunos e alunas como usuários simplistas de um computador ou de uma estação de rádio por sua característica tecnológica apenas, por seus botões. A geração Z não tem medo de apertar botões, a curiosidade é uma de suas marcas registradas porque querem entender o que e por que fazem (McCrindle; Wolfinger, 2009). Independente, o que entusiasma o jovem é a conexão que esta tecnologia permite que ele faça com o mundo externo, e quanto mais rápida a velocidade de informação permitida, mais interessante as sinapses que permite.

A integração de educadoras e educadores com a tec-

nologia é fundamental para que os projetos de educação para as mídias caminhem no sentido de possibilitar autonomia e emancipação dos educandos e educandas, visto que a educação dialógica é um processo que se dá em relação (Freire, 2011a). O diálogo acontece no encontro de ideias entre homens e mulheres que se compreendem pares, que entendem suas diferenças como complementares (id.,ibid.), portanto torna-se inviável se um dos envolvidos não se propõe ao novo, a conhecer o que é diferente de seu saber instituído.

É importante que professoras e professores interajam com as mídias e com este mundo muitas vezes digital e virtual que as mídias e as próprias tecnologias midiáticas possibilitam. Do contrário, não serão capazes de mediar a relação dos sujeitos estudantes com o conhecimento,

visto que este conhecimento é novo e diferente do que foi apresentado aos educadores e educadoras em sua formação – e talvez diferente até mesmo do que foi construído na semana anterior. Como exemplifica Bauman, “foi o mundo fora da escola que mudou muito em relação ao tipo de mundo para o qual as escolas descritas por Myers ou Jaeger preparavam seus alunos” (2010, p.50). Sendo assim, docentes não podem pretender construir conhecimento dialogicamente com discentes se desconhecerem a realidade dos alunos e alunas, também a sua própria.

INTERDISCIPLINARIDADE E EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS

Uma vez que o intuito da aprendizagem dialógica é a emancipação (Freire, 2011b) ela

deve partir da realidade concreta, sem transferência de saberes. A partir da criação de possibilidades para a construção ou produção de conhecimento pelos próprios educandos e educandas a educação se faz emancipadora (Freire, 2011a) e a interdisciplinaridade pode ser uma importante aliada neste processo de ensino-aprendizagem porque traz consigo o ideal de educação que se integra.

Conhecimentos construídos coletivamente, considerando desenvolvimento da autonomia e a partir de ação dialógica contemplam a característica da permanente mudança, conectada ao conceito da fluidez da modernidade e também à perspectiva de formação libertadora. Este cenário privilegia uma demanda importante dos jovens de hoje, “conservar a capacidade de recriar a ‘identidade’ e a ‘rede’ a

cada vez que isso se fizer necessário ou esteja prestes a sê-lo” (Bauman, 2010, p. 27). Bauman complementa, ainda, que “a preocupação de nossos antepassados com a identificação é substituída pela reidentificação” (id.,ibid.), ou seja além de identificar-se com a escola os estudantes hoje desejam conseguir reidentificar-se com ela a todo o tempo, considerando que toda educação passa a ser transformadora e transformar, inclusive, suas próprias estruturas.

A interdisciplinaridade se mostra um modelo adequado para o trabalho com educação para as mídias porque, considerando que estaremos tratando dos temas da atualidade abordados pelas mesmas, o trabalho conjunto e colaborativo seria o mais indicado. O estudo das mídias apenas em sua função de transmissão é o estudo da tecno-

logia apenas, mecânica. Para que esta aprendizagem permita efetivamente o diálogo precisa abarcar a dimensão das mídias que se encontra diretamente com a realidade dos estudantes, uma vez que o diálogo se dá entre os homens mediatizados pelo mundo.

A educação dialógica traz em sua concepção a investigação de temas geradores, interdisciplinar. Após os círculos de cultura, onde os temas geradores são previamente abordados, inicia-se um estudo sistemático e interdisciplinar acerca deles (Freire, 2011b). Entretanto, quando consideramos uma educação para as mídias dialógica não é necessário que este modelo seja seguido, contanto que se mantenha a característica do diálogo para a construção conjunta de conhecimento, o que implica a algum tempo um movimento interdisciplinar a fim de contem-

plar a ligação entre a realidade e a escola.

Em Freire (2011b) a interdisciplinaridade é construção de conhecimento pelos sujeitos baseada em sua relação com a realidade, com os contextos e com a cultura. Portanto, este processo não está vinculado a uma metodologia específica, caracteriza-se por movimentos dialéticos distintos de problematização da situação dada, a partir da qual se observa e investiga a realidade, e a sistematização do que se investigou, o diálogo construtivo. A interdisciplinaridade sob a ótica dialógica é integração.

A fim de contemplar a inserção dos jovens e sua educação na modernidade líquida dada, com sua implícita necessidade de atualização constante (Bauman, 2010), inclusive de toda construção de conhecimento proposta, a interdisciplinaridade dialógica,

promotora de troca de saberes e colaboração entre todos os envolvidos no contexto educacional, aponta como modelo de trabalho pedagógico desejado, visto que permite, para além da educação que promove construção de conhecimento, a educação que emancipa e liberta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da perspectiva de que as duas frentes para o desenvolvimento do conhecimento real na modernidade líquida seriam a informação e a educação, para que estas duas variáveis caminhem da forma mais próxima possível dentro da escola, ainda que sua total fusão ainda não tenha sido concebida de forma estruturada, nos parece ser a educação dialógica e interdisciplinar a proposta viável mais promissora para alcançar este ideal no En-

sino Médio. Bauman ilustra a situação de avanço perfeito destas duas frentes da seguinte forma:

Em ambas as frentes, “a linha de chegada” desse avanço – o fim da guerra – era visualizado com clareza desde o início: no final, todos os vazios seriam preenchidos, um mapa-múndi completo teria sido traçado e um número suficiente de canais de educação estaria disponível para os membros da espécie humana, com todas as informações necessárias para que eles se deslocassem livremente pelo mundo mapeado. (BAUMAN, 2010, p.55)

A grande quantidade de informação espalhada e facilmente acessíveis a todos, especialmente por meios digitais e virtuais, já está disponível.

Porém, com o livre acesso aumentou a necessidade de desenvolvimento do senso crítico que permite a seleção e compreensão desta informação, inclusive no que diz respeito à compreensão da necessidade de entender as fontes e referências das informações. Como o próprio filósofo coloca, esta linha de chegada onde informação e educação chegam juntas parece ainda distante, entretanto, apesar da propensão à que esta guerra não seja vencida, a educação não se dá por vencida! E um de seus esforços mais significativos é a educação para as mídias, preenchendo parcialmente esta lacuna.

O ideal de uma educação dialógica não nos parece se contrapor completamente ao entendimento de que há uma organização de fluidez na sociedade atual, uma liquidez. Parece, contudo, que é muito importante

que a educação se dê conta desta volatilidade que desconecta homens e mulheres de suas origens e valores para que, ao validá-la, possa apresentar-se como caminho para a vida nesta sociedade realinhada ao potencial senso crítico humano, alimentado pelo diálogo que permite entender-se sujeito de sua existência.

A inconclusão humana é visitada por Freire e Bauman, considerada uma das características que conferem humanidade aos homens e mulheres. Estar sempre em processo de aprendizagem, de construção e reconstrução de sua própria identidade e reconhecendo-se, a partir do diálogo, sujeito de sua história, o ser humano, uma vez consciente de seu inacabamento entende-se “um ser ético, um ser de opções, de decisão” (Freire, 2011b, p. 108). Compreender-se um ser de decisões, que tem sua existência

pautada por suas decisões e capaz de decidir por si a respeito de sua existência, é o que possibilita e homens e mulheres o diálogo que leva a libertação. As novas gerações interessam-se cada vez mais pelo acesso a este caminho de permanente possibilidades de ser mais.

A expansão de propostas de educação para as mídias surge na contramão histórica da fuga da informação ameaçadora por sua quantidade e velocidade, exacerbada e desordenada. É da completa aceitação da situação dada que se inicia o diálogo acerca da mesma, capaz de transformá-la. Ao validar e adentrar o fenômeno informativo moderno, educadores e educadoras que se propõe a ensinar alunos e alunas a se comunicarem e se informarem, transformando este ser e fazer em conhecimento. Utilizar as ferramentas existentes para se

fazer ouvir e ler o mundo é tão importante quanto ter a consciência real do poder das ferramentas da quais se utiliza. Enfrentar o medo de uma invasão tecnológica e midiática comum à escola moderna nos parece interessante estado de combate a um dos maiores problemas da educação brasileira em nível médio: o desinteresse dos jovens pela escola por não conseguirem assimilar o caráter libertador e emancipatório intrínseco à educação ou, em outras palavras, por não conseguirem estabelecer pontes entre o que aprendem na escola e a própria vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Capitalismo Parasitário. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010.

Press, 2009

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

MCCRINDLE, Mark. Generation Alpha: Mark Mccrindle Q & A With The New York Times. The McCrindle Blog, 2015. Disponível em: <<http://mccrindle.com.au/the-mccrindle-blog/tag/youth/>>. Acesso em: 10 mai 2021

MCCRINDLE, Mark.; WOLFINGER, Emily. The ABC of XYZ: understanding the global generations. Sydney: UNSW